



Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

Castelo de cartas



Os monarcas, ao destroço
Que se vê n'este painel,
Não eram de carne e osso,
Eram feitos de papel!



PALESTRA AMENA

O «Te Deum»

Causou engulhos em muitas pessoas o facto de se celebrar, com o concurso ou antes, com a presença do chefe do Estado e dos secretarios do mesmo Estado, antes ministros, um *Te-Deum* em ação de graças pela victoria das nações aliadas contra os imperios centraes. Engulhos a muitas pessoas, sim, mas satisfação a outras, também em grande quantidade, porquanto ao passo que os vermelhos julgaram inconveniente a dita presença, quiçá sinal de transigencia com principios retrogradados, os azues e brancos exultaram, por suporem a mesmíssima coisa, isto é, a entrada no gremio catolico de individuos que d'ele pareciam andar arredados.

Mais uma vez se confundiu a questão politica com a religiosa e se tiveram as duas como inseparaveis, como se um republicano não pudesse ser religioso e um religioso não pudesse ser republicano.

E' este um triste engano de quem não observa profundamente, quando não é simplesmente uma exploração, servindo determinados ideaes, de cidadãos para quem são bons todos os meios de chegarem a braza á respétiva sardinha, convindo-lhes semear antipatias contra adversarios, sob qualquer pretexto.

E afinal, não nos parece que haja a minima razão da parte de qualquer das fâções contrarias. Um republicano pode muito bem ser catolico-apostolico-romano, e até sem ser catolico-apostolico-romano e sem comungar em qualquer outro credo religioso pode perfeitamente assistir a um *Te Deum* e a qualquer outra festa de Igreja, justificando-se a assistencia de mil maneiras.

Cremos que a intransigencia do ateu não vae até o ponto de cortar as suas relações com todos os crentes, nem a do crente a não ter negocios com um ateu ou com individuo de religião diversa da sua. Pois não se associam para o mesmo fim, contanto que não seja o religioso, cristãos, mouros, e judeus, etc.?

Certos cavalheiros festejam em sua casa, ou em casa que lhes está arrendada, um feito glorioso para as armas portuguezas e para toda a humanidade; convidam quem por esse feito mais se interessou: — hão-de os convidados recusar-se a comparecer, malcreadamente, tolamente, para não cairem no desagrado de quem pouco vê adiante do nariz além d'um palmo?

Não, de certo. A presença de chefe do Estado e dos membros do gabinete na basilica da Estrela foi um ato de boa educação, como será de louvar a presença, por exemplo, do rei da Belgica, catolico, em ceremonias religiosas para as quaes o convide o rei de Inglaterra, protestante. Acaba a cerimo-

Conferencia da paz

Nada temos que opor á escolha das pessoas que irão representar Portugal na proxima conferencia da paz.

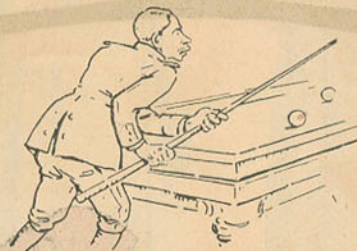
No entanto permita-se-nos que estranhemos o não termos sido consultados, esquecimento de deploraveis resultados, qual a de ter ficado no olvido um nome que naturalmente se impunha nas atuaes circunstancias.

Porque não vae o Antonio Cabreira?

O principe diverte-se

São comovedoras as noticias que nos chegam do ex-herdeiro do ex-trono da ex-Alemanha. Sua ex-alteza, cheia de remorsos pela parte que tomou na tragedia que acaba de inundar a Europa de sangue, passa os dias em penitencia, caçando, jogando o bilhar, lendo obras frescas, comendo e bebendo do melhor, até que recolhe ao leito onde dorme oito horas seguidas, como quem nunca praticou senão boas ações.

E' de esperar que os aliados se não



esqueçam d'este desgraçado, mitigando tanto sofrimento, que é na verdade, demasiado. Não vemos que d'ele se tenham occupado; falam na extradição do pae, mas quanto ao pimpolho conservam um silencio inexplicavel.

Ora então façam favor de se lembrar do infeliz e de lhe dar uma parte da fatia que está destinada ao ex-kaiser, pois que bem a merece o simpatico mancebo.

nia e cada um vae para suas casas, com as suas crenças, sem ter que dar satisfações a ninguém.

Assim é que é.

J. Neutral.

Peça nova

O infantigavel e talentoso dramaturgo Afonso Gaio leu n'uma roda de amigos e admiradores, uma nova peça da sua autoria, intitulada *Farça do ciúme*, da qual o critico d'um jornal da noite diz que «tem um grande fundo de observação, manifestada n'uma personagem, centro de toda a peça, a quem um ciúme doentio força ás situações mais comicas, mesmo grotescas, por vezes.»

Não ponha mais na carta: é o *Otelo* ás avessas.

Amôr

Estamos em vespuras de grandes acontecimentos internos, politico-creativos. Atravez dos termos que constituem a plataforma apresentada pelo sr. Brito Camacho lê-se o perdão das injurias passadas e quiçá uma paixão largo tempo reprimida entre os varios chefes. Afinal, quanto mais ba-



tiavam uns nos outros, mais se adoravam, como os *apaches* da valsa.

Ora então, vá lá um chi-coração, mas moderadamente, reprimindo as ganas de cada um, não vá ele ser tão apertado que deite os tampos dentro aos antigos adversarios e amigos novos!

De Bocage

A Joaquim Manoel de Moira Leitão.

*Os principios moraes por que governo
Meu docil coração, meu libre estado,
Prendem-me a ti com vinculo sagrado
De amor, que passa o grau d'amor fraterno.*

*E's doce, és puro, és generoso, és terno,
Brilhas, campeias, de virtude ornado,
N'um mundo de paixões contaminado,
Tão mau, tão feio, que parece inferno.*

*De teus, de meus costumes a pureza
Sem poder profanar com vil maldade,
Escume do invejoso a lingua presa.*

*Sãos existimos na corrupta idade:
Ele nem segue as leis da natureza,
Nós cumprimos as leis da humanidade.*

Anuncios

Reis em disponibilidade

Oferecem-se, exigindo ordenados modicos. Escrever para a Prussia, Austria, Hungria, Saxonia, Baviera, etc., etc.

Trônos

Ha, em bom estado de conservação, com pequenas avarias. Liquidam-se em grande quantidade, por seus donos não poderem estar á testa.

Arminhos

Vendem-se a peso, para enfeites de fatos de Carnaval, em estado de meio uso.

Generaes alemães

Ha um saldo muito em conta, sabendo lidar com gazes asfixiantes e pastilhas incendiarias.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida ispousa.

Nan te tanho escrevido purque tive uma camada de bixigas negueraes i tanho istado incapás de pegar na penna; alem d'isso fiquei cum o carátel da fionomia do rosto tão feio que tanho ido bergonha de me deregir a ti que ades istranhar munto purque cempre me cunheseste serimpatico i bem parido, benzame Deus. Imfim, isculpa i alembrete que cemos arresebidos pella tanta madre ingreja i intão não tens bitro remedio cenão gramarme ceja lá cum que cara fór,

Cum respeito a triatos a minha duença nan tem premetido que eu tanha visto tudo canto cria. Somentes vi iné agora duas pessas zuulogicas, uma namada a *Bela Riseta*, na Trindade, i outra u *Burro de Boridan*, no D. *Ameia—Republica—São Luiz*. A prumêra consta de muntas galinhas, galos, cabras, bodes, pombos, cães i uma vaca leitêra; é uma especie de *Chantecler* cum a difrença de que este ce paçava nu tempo em que us alimais falavam a *Bela Riseta* nu tempo em que já não falavam, de modos que foi percioso ir bosçar umas poucas de peçoas para falar por eles, mas imitanduos u mais pucível, isto é, cacarjando, la-



drando i berrando cumo galinhas, cães e cabras, etc.

Cum respeito á pescicologia da pessa porpiamente, direite que é uma indireta ao maroto du caizer, para le mostrar cus reis para cerem flizes nan ce devem meter em guerras nem mêmo em grandezas; devem mas é ir cavar batatas i puchar carrossas.

Canto ó *Burro de Boridan* paçace in marsó de manêra cu dito animal nan pode ver uma femia cem se prantrar ós zurros, mas isto mitaforecamente falando, purque é tudo gente i jente da alta. Pur fin u purtagunista resolvece pur uma poldrasita touda onsa, que ce le mete á cara ós pois de u crer levar á pesca dus mixelhões i outros peixes de iscama. Já ce çabe: grande siumeira das oitras femias, covetudo d'uma xamada Emilia de Oliveira que cria toudas as atinsões para ela, cem ce alembrar cas oitras tamem ção jente i cu amôr é uma coça, ou pur oitra, um caprixo que nan tem nada que ver cum us mersimentos das peçoas canto mais cum a orde dus nomes nu cartás.

I cum isto nan te infado mais. Vou



O soldado portuguez

Volta gloriosamente aos patrios lares
Com a serenidade da partida,
A singeleza com que arrisca a vida
Na terra em fogo, nos revoltos mares.

Assombra com seus feitos singulares,
Seu animo tenaz na remetida,
Por um riso da noiva prometida,
Por uma flor gentil dos seus pomares.

E' ele, é Portugal dos verdes montes,
Dos corações frementes de alegria,
Poentes de oiro, claros horisontes!

E' Portugal na sua valentia,
De alma tão pura como as suas fontes,
Canto e bravura, sonho, romaria...

Belmiro.

lavar a cara cum cêmeas pra ver ce me paçam us cinais das bechigas invidiande mil coidades açulapadas u cempre teu

Jerolmo.
Emprezario do Pauliteama
de Peras Ruivas.

Correspondencia

Aldobrandini—Sim, senhor: é poeta em gestação, que não será longa. Como tem apenas 17 anos pode esperar mais dois ou tres para crear nome, por isso não lh'o publicamos por ora. No emtanto aí vae um dos sonetos, realmente prometedor:

Escarneos

Mulher! Porque te ris do meu amor?
Acaso um coração despedaçado
provoca em ti o riso tresloucado,
que lagrimas me faz verter de Dôr?

O meu crime é amar-te com ardor!
E sobre o meu viver amargurado,
paíra sempre o teu riso desvaírado:
riso d'escarneo... riso zombador!

Porém, dia virá em que tu chores
e em que sintas, como eu, as mesmas Do-
res!
E mais cedo ou mais tarde, ele virá,

Como espectro do choro, em teu porvir
Hei-de ser eu então quem ha-de rir
e talvez tu, mulher, quem chorará!

Germania—Está feita a sua vontade: o Manecas acabou com a guerra, conforme pediu no seu postal.

Aqui fazem-se todas as vontadinhas ás senhoras.

A Hespanha alegre

O contentamento manifestado em Hespanha pela vitoria dos aliados obrigou-nos a entrevistar um dos seus principaes politicos, porque — confessamos — o caso pareceu-nos extranho, em vista da attitude do mesmo paiz durante a guerra. O citado politico, porem, desvaneceu a nossa convicção.

— Com que então a Hespanha era aliadofila? perguntou o nosso repoter.

— Absolutamente. Somos velhos amigos dos inglezes.

— Serio?

— Pois decerto. E dos francezes.
— Ah! nós imaginavamos...
— Imaginavam mal. A nossa convivencia constante com os inglezes, ao sul, não podia deixar de provocar uma intimidade inteiramente cordeal.
— E quanto á França?
— Quanto á França, todos sabem que uma grande parte da Hespanha, a sua principal provincia, tem por aquela republica decidida simpatia.
— Dizia-se que a Hespanha abastecia os submarinos.
— Abastecia, sim senhor.



— ... Então isso não era uma prova de germanofilismo?

— Pelo contrario. Alimentavamos os boches para se danarem com a derrota. Morra Marta, morra farta.

— De modo que se a Alemanha vencesse...

— Se a Alemanha, vencesse era uma tristeza geral em Hespanha, conforme já disse o seu colega *João Verdades*.

— Ainda bem que não se realisou essa hipotese.

— Ainda bem.

— Já agora, mais uma pergunta: sendo vocês tão amigos dos aliados e latinos, de mais a mais, porque se conservaram neutros?

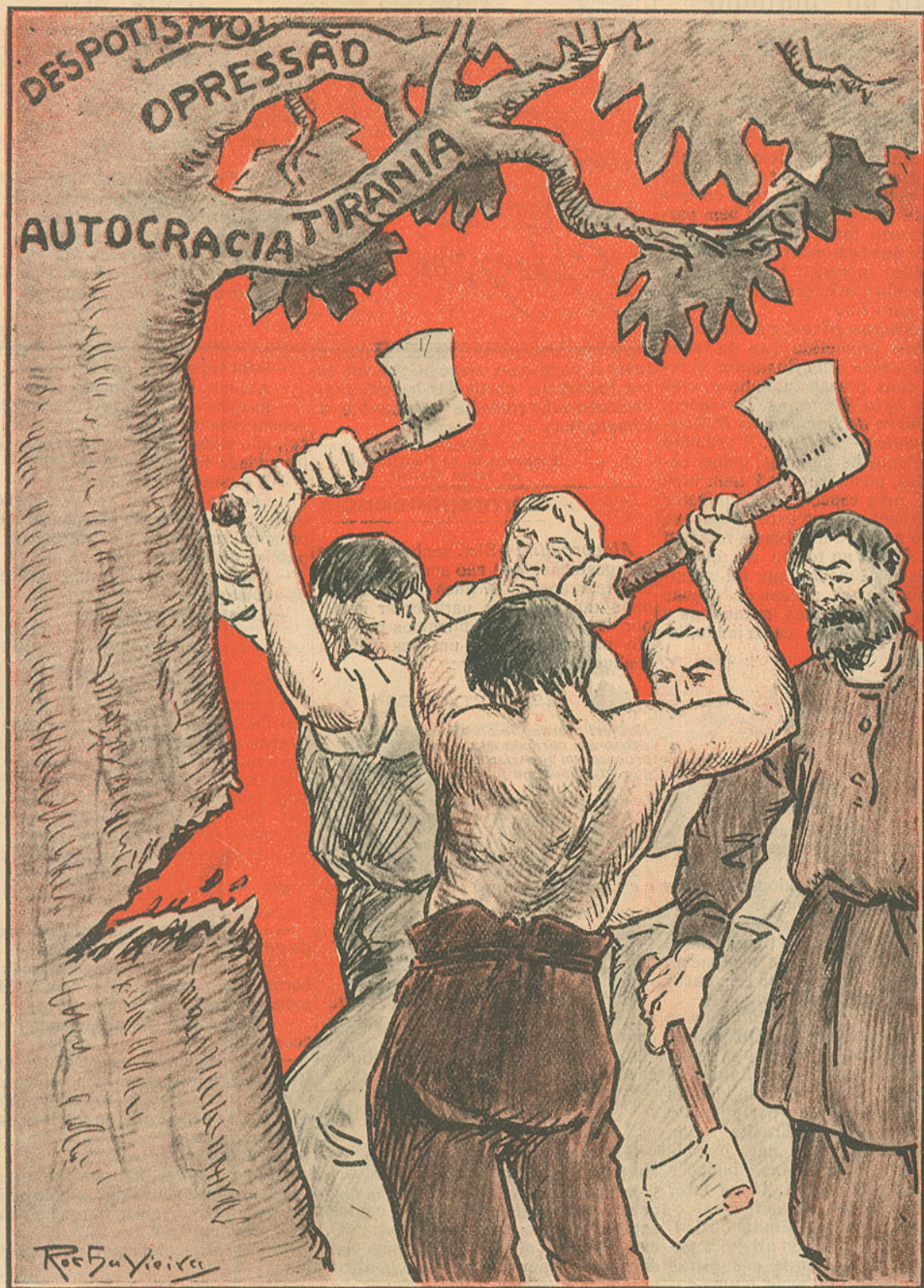
— Por sentimentalismo, apenas. Por dó.

— Por dó de quem?

— Dos proprios alemães. Porque se tivéssemos entrado na contenda, no fim de oito dias Berlim estava nas nossas mãos. Olé! Olé!

De boa escaparam os boches!

BOT' ABAIXO!

**O RACHADOR:**

— Afinal, não custa nada; o tronco estava todo pôdre por dentro!